

POR UM DEVIR REVOLUCIONÁRIO DOS INDIVÍDUOS

JOÃO DA MATA ROSA CESSE NETO
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

RESUMO:

A partir do conceito de “Materialismo Hedonista”, presente na obra do filósofo francês Michel Onfray, procuro analisar as possíveis formas de intervenção política na atualidade, após a derrocada dos partidos comunista no mundo, especialmente com a queda do Muro de Berlim. A influência libertária em seu pensamento faz valorizar a ação cotidiana em detrimento das formas de atuação das políticas tradicionais, como os partidos políticos e a democracia. O autor critica a associação exclusiva entre o poder e o Estado como *locus* privilegiado de ação política. Ao contrário, privilegia a ação de modo local, produzida no aqui-e-agora. Onfray defende com isso um *devir revolucionário dos indivíduos* como uma possível forma de ação libertária no presente. A partir de Maio de 68, Onfray vê o surgimento de uma ruptura epistemológica capaz de dividir, entre o velho e o novo, o homem e o humanismo de um lado e o indivíduo soberano apto a governar-se do outro lado. O surgimento de um ser singular e livre-pensador é entendido por ele, como um incessante movimento de transformação. Para ele, o ideal arcaico de revolução social, entendido através da tomada do poder e da implantação de qualquer um outro, mesmo que este se afirme como libertário, não tem sentido. A esta utopia superada, o que lhe interessa é o instantaneísmo criador de identidades hedonistas em política, no ato de qualquer prática existencial do presente. A atitude libertária se dá no aqui-e-agora, em experiências que buscam relações horizontais, combatendo hierarquias presentes tanto nas sociabilidades capitalistas quanto nas marxistas. Para tanto, a valorização do individualismo passa por uma oposição permanente a qualquer forma de poder que se coloque na relação com o outro, criando uma resistência contínua e uma insubmissão feroz.

Palavras-chave: Michel Onfray; Materialismo hedonista; Anarquismo; Individualismo.

ABSTRACT

The “Hedonist Materialism” in the work of French philosopher Michel Onfray was the starting point of my analysis for the new possibilities of political intervention in our society after the decay of the communist parties in the world. Michel Onfray’s influential libertarian thinking tells us to give more importance to the individual’s everyday political attitudes than the traditional governmental actions like the political parties and the democracy. The author criticizes the exclusive association between the power and the State like a privileged *locus* of political action. In contrast, he supports a sort of political action made in a singular situation and time, here and now. Onfray defends the *revolutionary devir of individuals* as an important tool of libertarian actions in the present time. Since May 68, Onfray sees a rupture between the old and the new, the humanism in one hand and the individual who can manage to govern itself in the other hand. The raise of a singular, free-thinking human-being is then a continuous movement of transformation. The old ideal of social revolution, which claims the change of leading powers even if it’s for liberal interests, is not acceptable. Hence, what is genuine is the creation of a hedonist identity which brings on singular political attitudes in different moments of our everyday life. The liberal attitudes work here and now, in experiences that look for horizontal relationships, fighting against the hierarchy of both capitalist and socialist’s social groups. The valorization of individualism faces a constant opposition to any kind of power that overwhelms your own choices in your social life. It brings up the need of a continuous resistance and a fierce attitude of saying no.

Key-words: Michel Onfray, Hedonist Materialism, Anarchism, Individualism.

Pretendo mostrar neste artigo, como, a partir da obra do pensador contemporâneo francês Michel Onfray e especialmente tomando de empréstimo seu conceito de materialismo hedonista, seja possível pensar uma atitude rebelde e militante no cotidiano a partir da derrocada do sonho marxista após a queda do muro de Berlim. Agora que se completam vinte anos do início dos acontecimentos definitivos que marcaram o fim do bloco comunista e a expansão do capitalismo hoje hegemônico e globalizado, resta-nos pensar novas formas de atuar no campo ético e político como alternativo viável e eficaz.

Há alguns anos, Michel Onfray apareceu na cena intelectual da França como um nietzschiano iconoclasta, defensor de um hedonismo atualizado ao tempo presente. Hoje, Onfray é doutor em Filosofia e um dos ensaístas mais populares e prestigiados de seu país. Pouco a pouco suas obras estão sendo traduzidas para outros idiomas e espalhado-se por vários países do mundo.

Nascido em Argentan, na França em 1959, lecionou por vinte anos em um liceu para secundaristas até criar a Universidade Popular de Caen em 2002, no norte do país, onde ministra aulas diárias e gratuitas de filosofia, política, psicanálise e artes junto a outros filósofos para um público eclético. As aulas são gravadas e difundidas pela rádio pública France Culture e tornaram-se sucesso de audiência. É considerado por alguns leitores o sucessor de Michel Foucault (1926-1984), especialmente por ter popularizado suas idéias, assim como as de Gilles Deleuze (1925-1995). Onfray tem se tornado um autor conhecido por defender um materialismo hedonista, onde propõe o direito do ser humano ao prazer. No entanto, suas publicações também abordam temas como a política, a gastronomia, a atualidade, a história da filosofia, a pedagogia libertária e a estética, além de editar um jornal hedonista. A julgar pelas declarações de Onfray, a sua proposta filosófica se quer inserida no cotidiano, articulada a experimentação com o real.

Seu materialismo hedonista está inspirado em filósofos que vão desde Aristipo de Cirene no período pré-socrático da Grécia antiga até o Marquês de Sade, entre outros. Situando-se no campo da moral, sua teoria hedonista também nos leva a pensar numa estética generalizada, inspirada em Marcel Duchamp, que permita incluir a ética na estética. Os seus debates buscam incluir questões: como se fabricar uma subjetividade pós-moderna? Que ética é possível para pensar o tempo presente? Como superar o cristianismo e voltar a situar o corpo no centro da intersubjetividade?

Ao definir-se como um “nietzschiano de esquerda”, Michel Onfray inspira-se em Georges Palante, um dos primeiros leitores de Nietzsche na França que assumiu uma posição de esquerda. Palante demonstrou como se pode ser nietzschiano e ser de esquerda, assumindo e difundindo esta postura. Ele foi um dos primeiros a fazer esta união singular entre Nietzsche e a esquerda, ainda na França pré-Segunda Guerra Mundial. Depois de Palante vieram Roger Caillois e Georges Bataille, e por fim Foucault e Deleuze: três gerações que, segundo Onfray, leram Nietzsche a partir de uma postura de esquerda.

Influenciado também por pensadores libertários como Gustave Blanqui (anarquista francês do século XIX), Michel Onfray indaga como se pode ser anarquista hoje em dia: longe das máquinas revolucionárias, como os partidos socialistas, por exemplo, que aspiravam à derrocada do Estado e a criação de uma sociedade ideal. Onfray interroga-se sobre isso, quando pensa no início de um novo milênio, sobre o anarquismo na atualidade e numa “filosofia libertária, levando em consideração duas guerras mundiais, o holocausto de milhões de judeus, os campos de concentração do marxismo-leninismo, as metamorfoses do capitalismo entre o liberalismo desgredado dos anos 70 e a globalização dos anos 90 e, principalmente o pós-Maio de 68”. (2001. p. 14). Segundo o autor, para pensar o anarquismo hoje é preciso atuar aqui e agora, libertariamente, na relação consigo mesmo, com os demais e com o mundo. Assim, conclui que hedonismo está para a moral assim como o anarquismo está para a política: uma opção vital, e em sua perspectiva, intimamente imbricado. Esta noção de vida libertária que o autor defende é a proposta de um anarquismo visceral, cotidiano e que se dê na esfera da micro-sociedade, procurando combater as hierarquias que se estabeleçam enquanto jogos de poder nas relações humanas.

A trajetória intelectual de Michel Onfray mistura-se com sua história pessoal. Os primeiros anos de vida próximos à fábrica; a morada no pensionato; o encontro com o anarquismo; a curta e angustiante vida de proletário; a demissão marcante do emprego fabril e o contato com as obras de Marx e Nietzsche foram algumas das passagens em sua história que tornaram-se determinantes para seu pensamento. Estudou letras, depois filosofia e com pouco mais de dezoito anos, Onfray entra em contato com a obra de Marx e o conseqüente desencanto com o que observava das experiências soviéticas. Ao fascínio com o pensamento de Nietzsche, juntaram-se as obras de anarquistas como Max Stirner e seu individualismo radical, Mikhail Bakunin, Jean Grave, Pierre-Joseph Proudhon e Gustave Blanqui, pensadores libertários cujas obras o faziam ver proximidades maiores

que incongruências com a obra nietzschiana. Estes fatos parecem marcar profundamente seu pensamento filosófico quando afirma: “Eu não imagino uma filosofia sem o romance autobiográfico que a torna possível”. (2001,p.15). Assim, esta é uma preocupação do autor: estabelecer uma relação direta entre seu pensamento e uma militância prática na forma de fazer filosofia e política. Onfray vive de seus direitos autorais, não mantém nenhum cargo público, seja em universidades ou qualquer outra instituição. Com estes recursos mantém sua experiência em pedagogia libertária, colocando-se de maneira autônoma e independente em sua ação.

Atualmente na Universidade Popular de Caen, além das aulas e seminários que organiza, Michel Onfray dedica-se ao mais amplo e ousado projeto de sua carreira: percorrer a história da filosofia e buscar figuras que foram “esquecidas” na história oficial. Com a intenção de criar uma Contra-História da Filosofia, Onfray opõe-se a uma filosofia idealista, espiritualista, ascética, em favor de uma filosofia materialista, sensualista, utilitarista, pragmática, atea e corporal. Michel Onfray traça uma galeria de retratos intelectuais, na qual são referidos, para além de Demócrito; Diógenes, o cínico e Lucrécio; filósofos frequentemente marginalizados. Sua filiação ao pensamento filosófico segue uma forma múltipla, numa alusão à Deusa grega Métis, que deu origem a um modo do saber que é conjuntural, nascido do encontro de circunstâncias. Esse saber é por definição instável e múltiplo, que fabrica-se e/ou inventa-se, em um tempo instantâneo, embora referido a uma infinitude. Dessa forma, Onfray vai confeccionando seu pensamento na união de personagens variados, procurando uni-los num saber coerente com sua proposta filosófica libertária e hedonista. Sua trajetória na elaboração do materialismo hedonista faz com que se contraponha abertamente ao ideal ascético e ao platonismo.

No bojo de seu materialismo hedonista, Onfray defende uma interessante possibilidade de atuar politicamente na esfera cotidiana. Em “Política do Rebelde” (2001), Onfray desenvolve algo que começou a ser formulado em “A Escultura de Si” (1995): uma visão política do anarquismo mais contemporânea, onde “o anárquico está para o anarquista assim como o monarca está para o monarquista” (2001. p.55). A postura rebelde, insurgente e anárquica lhe é bem mais atraente uma vez que se dá em instantaneísmos e em práticas libertárias, bem mais quem em doutrinas mesmo as anarquistas.

Segundo Onfray, as propostas e ações do pensamento anarquista produzidas no século dezenove e que marcaram o movimento libertário, especialmente nas obras como

as de Mikhail Bakunin e Pierre-Joseph Proudhon nomes importantes da ideologia libertária, não podem ultrapassar sua época. Michel Onfray argumenta que as propostas e as ações do pensamento anarquista produzidas no século dezenove e que marcaram profundamente o movimento libertário, estão vinculadas a uma época, fazem parte de um momento social e político específico. Para Onfray, o pensamento anarquista clássico, produziu um conjunto de teorias com inegáveis contribuições nos campos da ética, da política, da sociologia e da economia, mas que não poderiam simplesmente atender as atuais características de complexidade que o capitalismo contemporâneo produz. Sem descartar estas influências do passado, procura atualizar a proposta libertária, seguindo inclusive as contribuições de Michel Foucault e Gilles Deleuze sobre a sociedade disciplinar e a sociedade de controle, respectivamente.

A influência libertária no pensamento de Onfray faz com que o autor valorize a ação cotidiana em detrimento das formas de atuação das políticas tradicionais, como partidos políticos e a democracia. Critica assim a associação exclusiva entre o poder e o Estado como *locus* privilegiado de ação política. Ao contrário, privilegia a ação de modo local, produzida no aqui-e-agora, nas atitudes do cotidiano e nas relações mais diretas. Inventar sociabilidades libertárias é o desafio, pois, ao anárquico que está interessado em criar formas de resistência ao amplo poder do capitalismo.

É assim que Onfray defende um *devoir revolucionário dos indivíduos* como uma forma possível de ação libertária no presente. Esta noção é mais bem desenvolvida em “A Política do Rebelde” (2001), livro de vertente mais política do autor. A partir dos acontecimentos de Maio de 1968, Onfray vê o surgimento de uma ruptura epistemológica capaz de dividir, entre o velho e o novo, o homem e o humanismo de um lado e o indivíduo soberano apto a governar-se do outro lado. O surgimento de um ser singular e livre-pensador é entendido por ele, como um incessante movimento de transformação. Um contínuo *devoir revolucionário* visto pelo autor como um movimento anárquico e cotidiano. Segundo Onfray, “a revolução à maneira de golpe de Estado está morta, viva a revolução pelo modo libertário, molecular, para dizê-lo com as palavras de Deleuze e Guatarri”. (2001. p.182). Investindo nesta perspectiva, para o autor, surge também a necessidade de lutar contra a microfísica do poder local e global, onde se dá o desdobramento do homem e o redobramento do indivíduo para uma libertação da sujeição do mundo. E segue em sua afirmação, lembrando que “(..)o anúncio do Deus morto proferido por Nietzsche, o do falecimento do homem feito por Foucault, liberam

o terreno para um novo nascimento no qual o humanismo e os direitos do homem desaparecem, pela pura e simples razão de que a figura solicitada pelos votos dos nietzschianos franceses torna caduco o recurso aos aparelhos ideológicos destinados à reciclagem ou à aniquilação dos impulsos e das energias reivindicadoras. Deus celebrado, o homem civilizado não produziria, *realmente*, senão a alienação e a servidão, o empobrecimento, o enfraquecimento dos indivíduos, seus sacrifícios aos leviatãs multiplicados”.(2001. p. 158).

O ideal arcaico de revolução social, entendido através da tomada do poder e da implantação de qualquer um outro, mesmo que este se afirme como libertário, não tem sentido no pensamento de Onfray. A esta utopia superada, o que lhe interessa é o instantaneísmo criador de identidades hedonistas em política, no ato de qualquer prática existencial do presente, procurando mostrar-se sempre que possível alegre e prazerosa. A atitude libertária hedonista se dá no aqui-e-agora, em experiências que buscam relações horizontais, combatendo hierarquias que estabeleçam os jogos de poder tão presentes nas sociabilidades tanto capitalistas como marxistas. São as heterotopias, conceito defendido no período do chamado “último Foucault”, que Onfray parece se apoiar para defender tal devir revolucionário, onde a atuação individual de colocar-se de maneira rebelde contra as práticas de poder traz par perto e ao lado a luta libertária dos anarquistas.

Para tanto, a valorização do individualismo passa por uma oposição permanente a qualquer forma de poder que se coloque na relação com o outro, criando uma resistência contínua e uma insubmissão feroz. Entretanto, como foi colocado, o autor parece acreditar e investir mais numa possibilidade de anarquismo na esfera individual, mesmo que esta esteja em permanente articulação com o outro, deixando lacunas para pensar a sociedade em termos de uma macro-estrutura. Segundo ele, o Estado deixa de ser *locus* de ação política, para voltar-se à esfera do micro-social. Isto fica claro quando o autor se posiciona em relação às formas tradicionais de atuação anarquista no presente: “Um pensamento anarquista contemporâneo deve romper com este fetichismo do Estado, pois este só se reduz a uma maquinaria, sem nenhum coeficiente ético, apenas um mecanismo que obedece a ordens que se dão e se transmitem. A contradição entre Estado e liberdade desaparece ao mesmo tempo em que a sociedade de controle substitui a sociedade disciplinar” (2001. p. 171).

É neste panorama que surge o individualismo de Max Stirner, visto por Onfray como um elemento constituinte de atitude libertária no presente. Voltando-se para a construção de seu próprio projeto existencial, o hedonista se afastará de qualquer noção de universalidade, pois acredita que esta tende a prejudicar o singular. Sua união com o outro se dará sem que prejudique seu cálculo de desejos, dentro de uma perspectiva individualista, ou seja, obedecendo a soberania de si e respeitando a do outro.

O pensamento de Max Stirner foi por muito tempo marginalizado dentro do próprio movimento libertário. Situando-se na contramão da tradição socialista e à margem de valores defendidos e expressados pelo anarquismo como a cooperação, o apoio mútuo e a solidariedade, o anarco-individualismo defendido por Stirner tornou-se um manifesto radical em defesa do *eu*. Onfray o resgatará, buscando em seu pensamento a defesa da prática individualista exercida por seu Condottiere. Defende que esta é a principal forma de ação política dentro do atual cenário, onde as ideologias coletivas mostraram seu fracasso. Michel Onfray pensa uma proposta libertária que se dá na prática, nos espaços da micropolítica. Neste sentido, Stirner será de grande importância, uma vez que ele pensa a ação anarquista a partir do próprio indivíduo. Para Stirner (...) “a minha liberdade só será perfeita quando for o meu...*poder*; mas, tendo este, deixo de ser simplesmente livre e passo a ser ‘proprietário de mim’”(2004. p.135). Esta noção será utilizada por Onfray ao pensar a postura do hedonista como condutor de si mesmo, criador de seus caminhos. Sua soberania se dará em seus atos e se construirá sem fórmulas ou manuais, mas na experimentação, no encontro com o real e no exercício de sua diferença.

Ao pensamento individualista e libertário de Stirner, Michel Onfray soma a figura do *anárquico* de Ernest Jünger, presente em um de seus romances e realçado na imagem do rebelde. Proscrito e rejeitado pela sociedade, o anárquico optou pela solidão dos bosques por não reconhecer a autoridade que considerava ilegítima. Sua resistência é solipsista e com ela a recusa por uma ordem social que não cessa em tentar moldar singularidades ao interesse coletivo. Ao anárquico, o que importa é a preservação de sua independência, tornando-se um ser de difícil cooptação pelo jogo do poder societário. O anárquico definirá seus encontros baseando-se na realidade que se mostra diante de si, nunca numa lei já existente, que se defina em nome de um coletivo. A construção por espaços de liberdade ocorre na relação direta com o real, descartando qualquer condição que não se situa nesta esfera. Segundo Onfray, (...) “o anárquico só está interessado pelo poder exercido sobre si mesmo e só quer reinar sobre sua energia próxima. Daí seu

desprezo pelos jogos praticados pelos outros – aqueles que não se pertencem mas gostariam de reduzir o mundo aos seus caprichos”.(1995. p. 55).

Defender uma postura anárquica, vivida por seu personagem conceitual, o Condottiere é o contorno encontrado por Onfray para valorizar um rebelde em contínua resistência às práticas de poder, que as considera máquinas devoradoras de potências. Para Onfray, mais importante que qualquer doutrina anarquista, qualquer manual ou conjunto de princípios, atuar de maneira anárquica significa construir na prática espaços de autonomia no presente. Seu pensamento político anarquista cruza com a ética hedonista para torna-se, na aposta do autor, uma possibilidade de construção de novos modos de existência, mais libertário e prazeroso. Como vimos, Maio de 68 estabeleceu esta ruptura, colocando ao centro do debate o indivíduo soberano em busca de sua autonomia. Neste sentido, o materialismo hedonista luta para estar coerente com estes princípios libertários em defesa das diferenças individuais. Segundo Onfray, “Longe dos futuros radiantes e dos amanhãs que cantam, pacificados, é preciso pensar no *devoir revolucionário dos indivíduos*, única ética pensável para um libertário na virada do milênio’. (2001. p. 182). O Condottiere assume desta forma para Onfray, uma atitude rebelde contra o que possa diminuir, abater ou enfraquecer sua potência; da mesma maneira que deixa de acreditar em qualquer movimento que o leve a identificar o bom com aquele que segue o caminho da mediocridade. Não faz de seu capricho uma ordem, refletindo sua ação diante das atitudes vividas para não transformarem-se em mecanismos de imposição ao outro.

Como tentamos mostrar, o filósofo francês Michel Onfray defende ainda que seus fins éticos tornem-se também estéticos, ou seja, que seus atos tragam junto a beleza, a elegância, a grandeza e a excelência. É assim que Michel Onfray indaga: “Onde se encontra então o Condottiere? Quais são as virtudes seguras para uma figura ética que também faz da estética a sua maior preocupação? Ateu, nominalista e libertário, com certeza. Misto de dândi, de único, de samurai, ele lembra também o anárquico de Jünger, concordo. Enfim, ele culmina na expressão da bela individualidade. (...) Porque o Condottiere detesta a imbecil fatuidade dos tolos, todos inteiramente inchados de sua própria inconsciência. Às virtudes cristãs da humildade, às práticas pervertidas dos adoradores de si mesmo, ele opõe um narcisismo flamejante, um orgulho justificado”. (1995. p.57).

É neste panorama que o autor aproxima a política da ética, elevando seu projeto filosófico do materialismo hedonista à defesa de um modo de vida. Ao defender o *devoir*

revolucionário dos indivíduos, Onfray propõe uma estética da existência hedonista articulada a uma postura rebelde no campo político. O anarquismo revisitado, especialmente na prática anárquica é a forma encontrada pelo autor como resistência às práticas de poder no presente. Uma tarefa ousada pretendida pelo autor, mas não mesmo instigante diante de um mundo dominado pelo capitalismo que aniquilou sonhos e utopias.

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel *Coleção Ditos e Escritos: Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

Vigiar e Punir. Potrópolis: Vozes, 1975

Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

Assim Falou Zaratustra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ONFRAY, Michel. *A Arte de ter prazer: por um materialismo hedonista*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

A Escultura de Si: a moral estética. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

A Política do Rebelde: tratado de resistência e insubmissão. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

O Ventre dos Filósofos. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

A Razão Gulosa: Filosofia do Gosto. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

Tória do Corpo Amoroso – Para uma erótica solar. Lisboa: Temas e Debates – Actividades Editoriais, 2001.

Traité d'athéologie - Physique de la métaphysique. Paris: éd. Grasset, 2005.

Féeries anatomiques - Généalogie du corps faustien. Paris: éd. Grasset, 2003

STIRNER, Max. *O Único e a sua Propriedade*. Lisboa: Antígona, 2004.